

P 898

REVISTA A NOVA

NUM. 91 — ANNO III — 18-FEVEREIRO — 1928

DIRECTOR
OCTAVIO MORAES

SECRETARIO
JOSÉ PENANTE

Propriedade da "S. A. Revista da Cidade"

(OFFICINAS PROPRIAS)

Redacção e Officinas: Rua do Imperador Pedro II, 207

End. Teleg.: REVISTA — Phone 6.015

RECIFE — PERNAMBUCO



Por que? Ninguém sabia explicar. Foi como um ar que lhe deu. Ella sorria, no meio das perguntas de toda a gente:

- Estás sentindo alguma cousa?
- Você não quer mudar esse vestido?
- Que é que a senhora tem?

Sorria. Como se houvesse um loup a tapar-lhe os olhos e a metade do rosto queimado de sol e de ether.

Sorria... Como se estivesse na berlinda entre os que formavam roda:

— Eu acho que enlouqueceu.

Opinião.

— Que horror!

Opinião da opinião.

Ella sorria. Mettida naquella saia larga, da cintura para cima apertada numa especie de pétala, mostrava a cabeça linda, com a expressão dos retratos tão novos feitos antes dos discursos de Camille Desmoulins... De cabelleira em cachos. De chapéo igual a um da Rainha Maria Antonnieta. O corpo, que recebera a educação do mar e dos dancings, parecia anesthesiado por longinquas, lentas ressonancias. Movia-se quasi invisivelmente.

Um caso serio.

Vieram medicos. Veiu um médium. Veiu uma mulher do Encantado, que benzia muito bem.

Ella sorria.

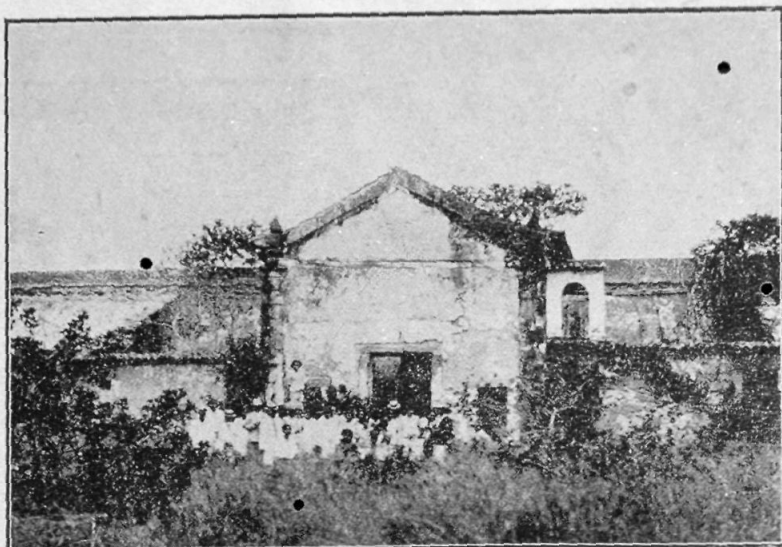
Então o pae, cheio de difficuldades nas despesas, comprehendeu que, afinal, Nosso Senhor se apiedára do seu estado. Contractou a filha num circo. Grande attracção:

• A MOÇA QUE NÃO VOLTOU DO CARNAVAL!

Logo na noite da estréa, ella voltou.
Mas, não disse nada. Continuou
a ser exhibida. Contente. Feliz.
Convenceu-se de que é artista.
Não quer outra vida...

ALVARO MOREIRA

A amiga
capella



do velho Forte de
Orange

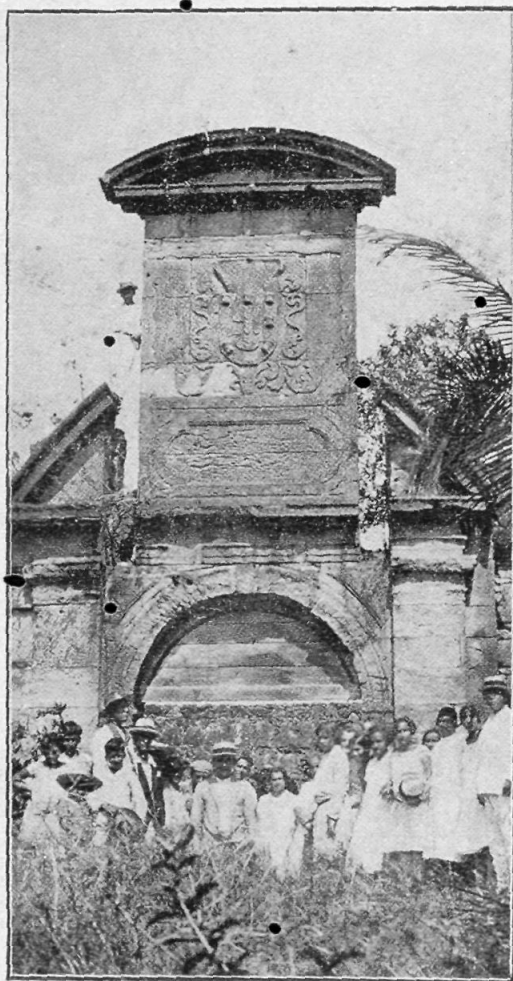
SERÁ verdade perceber-se que se está sendo olhado fixamente pelas costas?

E' crença bastante geral ser assim, e alguns pretendem poder conseguir deste modo, com o olhar, que aquelle que está adiante volte os olhos; e por isso um professor americano, Titchener, resolveu esta questão.

Todos somos mais ou menos nervosos, pelo que se refere ás nossas costas, e em qualquer reunião numerosa podemos observar que muitas pessoas, sem nenhum motivo particular, voltam a cabeça; muitos conforencistas sentem grande perturbação, se teem que voltar as costas ao auditorio para escreverem na ardosia.

Para esta anciedade, por aquillo que possa succeder atraz das nossas costas, contribue a educação, a qual nos aconselha a não chamar sobre nós a attenção de todos os olhares, e para ver se isto succede costumamos impensadamente voltar os olhos para traz de nós, de quando em quando.

Esta attenção prefe-



Entrada principal do
Forte

rente, esta nervosidade das nossas costas faz-nos dar importandia á menor sensação que a ellas se refira e voltar a cabeça, sem que isso seja mais enigmatico do

que o mover-nos na cadeira, quando nos sentimos incommodados nessa posição.

Os ensaios feitos com pessoas, que pretendiam ser muito sensiveis á-

quelles olhares, ou que pretendiam ser capazes de obrigar com o seu olhar a voltar a cabeça a outra pessoa, deram a Titchener o convencimento de ser infundada semelhante crença.

OS historiadores e archeologos andam preocupados com a descoberte recente feita no Estado de Ohio, de uma tumba antiquissima, em cujo interior foram encontrados quatro esqueletos humanos, dois delles com casco de cobre e pedaços de trapos, ornamentos de prata, coroas e uma grande quantidade de perolas.

Os objectos encontrados têm uma grande semelhança com os usados pelos Pelles Vermelha. Ao que parece, porém, não pertenceram a elles e sim aos Mayas. Os componentes desse imperio chegaram á America do Norte em busca de perolas, estabelecendo-se, desde logo, definitivamente, no seu territorio.

Por terem noções de architectura, commercio, medicina, etc., foram acolhidos pelo Pelles Vermelhas, e entre el-



les estabeleceram colônias, ensinando-lhes o cultivo da terra, a irrigação e o adubo.

Durante a sua permanência no norte, construíram templos para a prática dos seus ritos. A tumba descoberta agora coincide com esse genero de construcções e dahi a preocupação dos archeologos e historiadores.

UM jovem professor francez, narra o CRI DE PARIS, é actualmente um sujeito importantissimo na capital de certo Estado dos Balkans.

Nada o recommenda, porem conhece dois simples secretarios da missão inter-alliada que fiscaliza as finanças daquelle nação. Naquelle terra, parece, o criado

ADAGIOS

I

Iniciamos hoje uma serie de interessantes sonetos humoristicos da lavra do dr. Olympio Bonald, um dos bellos escriptores do nosso mundo literario.

Tinha u'a lingua o Zeca Perreca
Mais perigosa que u'a jararaca...
A bichinha estalava, só matraca,
Dava guinchos tambem, coo'o rabeça.

E, alem disso, cortava, como faca!
A moça mais honesta era u'a MECA,
A mais grave matrona era BRUACA.
Os proprios santos não poupava o Zeca...

E assim foi indo, até u'a sapeca,
Digo mal, u'a surra de MACACA
E'tão grande apanhou o cara-dura,

Que teve de ir para o hospital em maca
E quasi quasi que o levava a breca!
A MUITO SE AVENTURA QUEM MURMURA...

OLYMPIO BONALD



de tal missão póde mais do que um embaixador. Um dia, uns amigos do professor propuzeram-lhe um pic-nic nos logares pittorescos da capital. Não tinham, porém, meios de transporte. Elle, então, recorreu á interferencia dos taes secretarios. E, na manhã do dia aprazado para a diversão, á porta da casa dos convidados appareceu uma bateria de artilharia, commandada por um capitão. Todos se sentaram nos armãos e seguiram viagem. Pelo caminho, nos mosteiros, cujos archimandistas, após ouvirem as salvas dos canhões, em honra dos illustres hospedes, lhes davam agasalho, as melhores iguarias e os mais velhos vinhos das suas adegas.



Um grupo de excursionistas que visitou o velho forte de Orange

2
40

21H
10H

Na Pensão do terceiro an-
lar limp, data e modesta,
stran elles inseparaveis. M-
ro, lento e calado, o gato
recto.
O outro, o philosopho, ca-
bado, lento e magro.
O gato era honesto. Leo
onsto que nunca miron
rato da casa. O pro-
nem, absorvido com o pro-
lenta da vida e da morte,
nua repton que moitar
uma casa de ratos. O ca-
— por uma exigencia
nica de seu dono e
— tinha um nome su-
tico e m...
estino.
culpado desse nome (na



Nalige e Solange, graciosas filhinhas do
casal Eurico Souza Leão

Na Pensão do terceiro andar, limpa, clara e modesta, eram elles inseparaveis. Magro, lento e calado, o gato preto.

O outro, o philosopho, calado, lento e magro.

O gato éra honesto. Tão honesto que nunca matou um rato da casa. O homem, absorvido com o problema da vida e da morte, nunca reparou que morava numa casa de ratos. O gato

— por uma exigencia unica de seu dono e amigo — tinha um nome simplico e metaphysico — Destino.

Culpado desse nome fôra

HISTORIA PARA HOMENS E GATOS

Machado de Assis. Associara um cachorro a um philosopho e depois dissera que o gato éra um animal metaphysico.

Ora, para um philosopho materialista, haekeliano, que adorava Büchner e odiava Kant, isso éra uma affronta. E o gato então se chamou Destino.

Nesse dia em que tem co-

meço essa historia, porém, o gato se separou do philosopho. Fugiu, no começo da noite a expectativa do homem, para espiar um espectáculo banal. Tentara-o a alguem. Aguma mulher? Não. Uma gata. Para o philosopho, porém, a gata que desnor-teara Destino éra uma Eva.

E lá saiu — coisa que não fazia desde a sua iniciação haekeliana — em pleno domingo de Carnaval a procurar, pelas ruas endoidecidas, o seu fugitivo Destino pela multidão. A principio ficou espantado com os gritos dos homens e as gargalhadas das



mulheres. Sentiu-se numa terra de loucos. Chegou até a duvidar se estava vivo. Mas como "depois da morte...

A musica, o ether, a alegria, o delirio popular, tudo lhe ia ponco a pouco voltando o seu outro lado do instincto.

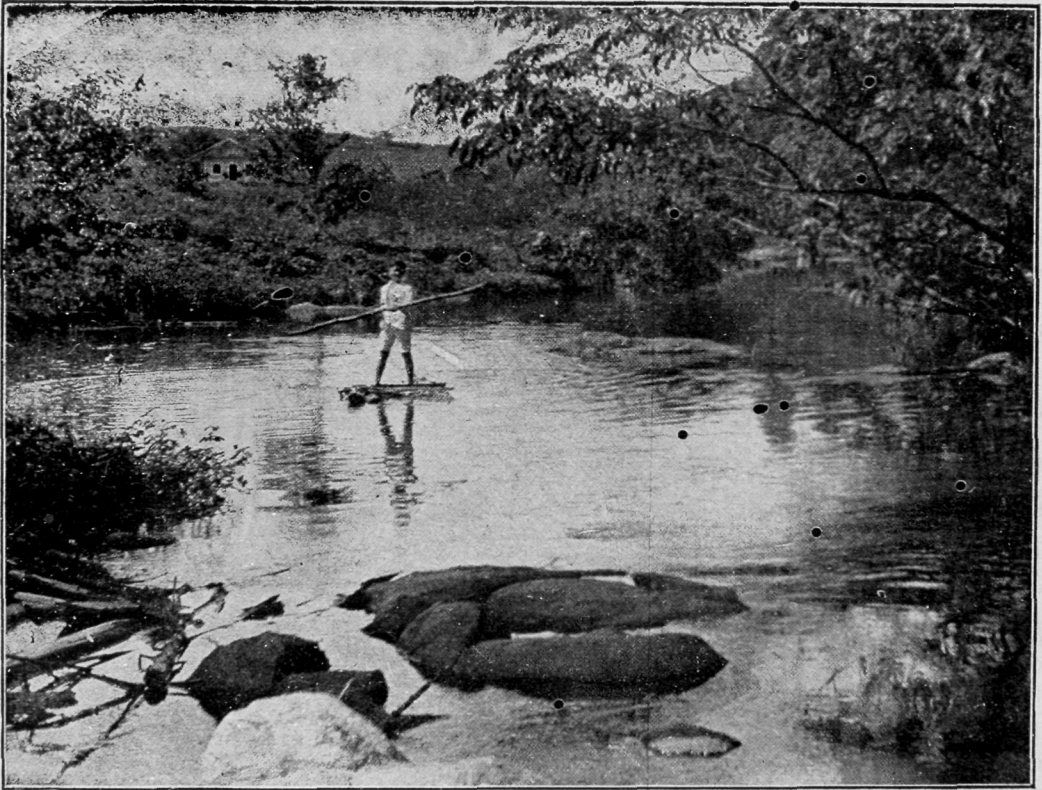
Sorriu. Sentiu um estreme-cimento. Veio uma phantasia da não sei de que (elle não entendia de figurinos) e agarrou-o pelo braço...

Quando o sabio chegou á casa era de manhã cedo.



Moralidade:

Para os homens: não deveis confiar nos gatos quando ha



Dagblin

Águas que correm...

nada" era o seu credo. — ficou certo de que estava bem vivo. Depois, mais calmo, chegou a outra conclusão. A loucura no carnaval era normalissima. Logo: o unico doido era elle.

O gato estava na porta do quarto.

E chegou-se para perto do homem num tom de desculpa, como querendo dizer: "Eu não sabia que você também gostava da farra..."

gatas na vizinhança.

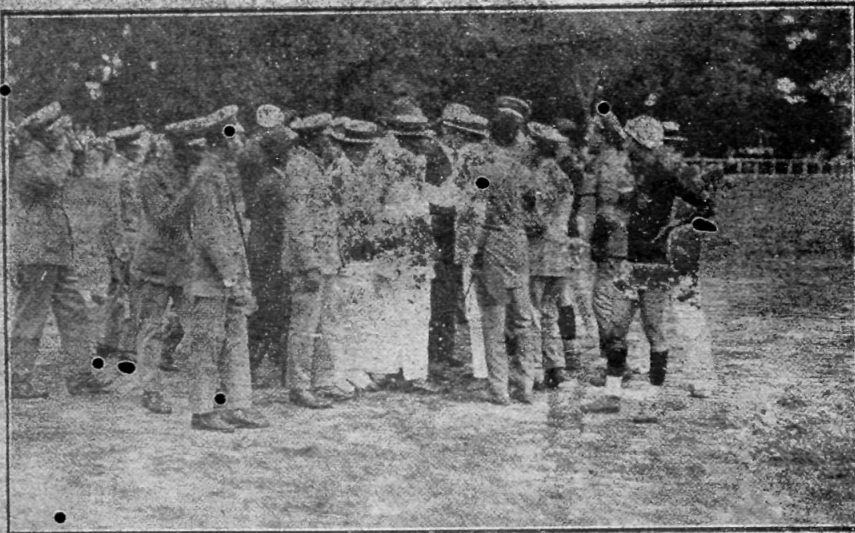
Para os gatos: não deveis confiar nunca nos homens. Mesmo quando não há mulheres na vizinhança.

ANTONIO FASANARO



Mortidade :
Para os homens : não deveis
coisar nos gatos quando pr.

Dois tristes aspectos dos "sururus" provocados nesta cidade pelos indisciplinados jogadores do "America Foot-ball Club", do Rio



NO VARANDIM hieratico das
estrellas, feixes de um ouro tremulo e rutilo, vagavam como
sombrias vaporosas.

E uma harmonia suave errava,
sonorisando o espaço, como a in-
definida harmonia das esferas.

Almas de virgens, em forma-
ção, nos rutilantes feixes de ouro
falavam musicalmente, como se
harmonioso resoar de vozes se
evolasse do fundo de ninhos, pal-
pitantes de passaros enamorados.

E um casto aroma de violetas
e rosas perfumava deliciosamente
o ar. E os adormecidos,
de terra desolada, nas azas
de prata efulgentes de um melân-
colico luar, na vizinhança

Em meio das florestas rumorosas
e cerradas, o homem tacteava

viuvo dos extasis do gozo, da
loucura divina do amor.

E a mulher ali estava, por en-
tre as serpentes e as pombas, por
entre as feras e as flores, na vos-
tentação paga das formas puras e
provocadoras, as costas o manto
real dos cabellos fartos, na nudez
virginal da estatuaria, os retesados
seios infecundos... Não lhe doia
nos labios a voluptuosidade deli-
rante dos beijos quentes, nem lhe
divinisava os olhos o casto fio de
perolas das lagrimas de mulher
amante e desditosa.

E do meio da dolencia langui-
da das almas de virgens, em for-
mação, subiu, como o espiral de
um perfume, o fúido de um tribulo
de prata lavrada, um perfume

doloroso e vago, um gemido en-
ternecido e longo.

Do seo do varandim hieratico
das estrellas brotou uma pequeni-
na estrella esmaecida, na queda
de pontinhas arroxeadas, que me-
nos ruídos tornou os tremulos
feixes de ouro prenderam a pe-
quenina estrella esmaecida, mos-
queada de pontinhos arroxeados,
e vieram, entre mysticos psalmos
melancolicos, craval-a no triste
coração da terra...

E a mulher, deslumbrante e ma-
rãvel, comecou mudando a
sua face, e o homem transformado
em um animal, como o soffrimento
de um animal, chegou a ouvir o
largo e amonitório ponteados de
o lagrimas amissimas. E o lagrimas
elle.

J O R G E D E L I M A

— P O E M A S —

Ha uma canção pernambucana do “Samba do Matuto”, curiosissima transição do “Maracatú” e actualmente o encanto maior de nossa vida rural na zona do assucar, a qual diz assim:

Eu ando atraz de um poeta de Alagôas
Pela rima e e traçado que elle faz...

Pois bem: esse poeta de Alagôas acaba de ser encontrado: é Jorge de Lima — o “menino impossivel”!

Jorge de Lima, mesmo no tempo em que era estrangeiro na propria patria, sempre foi um sujeito brilhante.

Como poeta classico elle escreveu um soneto chamado “O Accendedor de Lampêões”, o qual muito embora nada tenha de novidade prima, entretanto, pela commoção que desperta em quem o lê.

Depois Jorge de Lima escreveu uma porção de coisas, as quaes eu não li nem quero ler...

E um dia, quando eu saio montado no meu “Cavallo Marinho” levando p’ra feira meu “Catimbó”, lá avisto distante um poeriço damnado!

E’ Jorge de Lima que vem correndo apresentar, tambem, os fructos nordestino de seu pensamento renovador, onde ha jaboticabas maduras gostosas como esta:

PAE JOÃO

Pae Jão seccou como um pau sem raiz

Pae João vae morrer.

Pae João remou nas canôas —

Cavou a terra.

Fez brotar do chão a esmeralda
Das folhas — café, canna, algodão

Pae João cavou mais esmeraldas
Que Paes Leme.

A filha de Pae João tinha um peito de
Tourina para os filhos de yôyô mamar:
Quando o peito seccou a filha de Pae
João tambem seccou agarrada num

• Ferro de engommar.

A pelle de Pae João ficou na ponta
Dos chicotes.

• A força de Pae João ficou no cabo
• Da enxada e da foice.

A mulher de Pae João o branco

A roubou para fazer mucamas.

O sangue de Pae João se sumiu no
Sangue bom como um torrão de assucar

Bruto como uma panella de leite —

Pae João foi cavallo pra os filhos

Do yôyô montar.

Pae João sabia historias tão bonitas que
Davam vontade de chorar

Pae João vae morrer

Ha uma noite lá fora como a pelle de
[Pae João.

Nem uma estrella no ceu

Parece até mandinga de Pae João.

Damnou-se! Isso é bonito como os
seiscentos mil diabos!!!

Passou nos peitos todos os Paes Joãos,
par mim lidos até agora, inclusive o de Luis
Peixoto que tambem é bonito como o cão!

Lendo esse poema de profunda com-
moção humana eu senti os olhos rasos d’agua.

Elle é, a meu vér, a formula definitiva
atingida pela intelligencia do poeta.

Formula em que elle apparece alagôano
legitimo, livre de qualquer influencia dos com-
panheiros do Sul.

Nem uma sombra só de Oswald, Ban-
deira ou Mario.

Até parece mandinga do “menino im-
possivel”!!!



A ORIGEM

“OS primeiros momentos da architectura, da pintura, da estatuaria, e da elliptica attestam a antiguidade dessas festas. Grande parte dos vasos egypsiacos representam scenas e baccanaes, cuja filiação e genealogia com as mascaradas dos nossos dias parecem incontestaveis.

Huet remonta taes divertimentos ao Jubileu dos Hebieus; parece, porém, fóra de duvida, segundo a autoridade de Macrobio, que á Grecia cabe a prioridade e primazia dessa instituição. O invento da mascara, exclusivamente attribuida ás representações theatraes, e que — digamol-o — de passagem — se confunde com sua origem, não pôde entretanto considerar-se como facto applicavel á historia do Carnaval: sabe-se que o vocabulo MASCARA, perpetuado na lingua italiana para designar certos dramas fantasticos, entre outros os de Gozzi, conservou sempre significação especial e opposta á que lhe dá o uso geral.

Não se encontra estabelecido o Carnaval em sua esphera especial



Harold Ealtro

A CREATURINHA QUE ME ENCANTA A VISTA

Tão delicada, imponderavel quase...

Tem frases vagas como um verso futurista...

Parece feita de perfume e gaze!

Ella é o maior prazer de minha vista.

Tão delicadas, imponderavel quase...

Bibelot dos salões, quando ella dança
na sua graça esgalga, quase magra,
nem sei com que parece essa creança!

Talvez uma silhueta de Tanagra...

Tão delicada, imponderavel quase...



DO CARNAVAL

e dominante, até a época em que começaram a celebrar-se as festas romanas, denominadas SATURNAES. Estas, pela desenfreada libertinagem e pelas cynicas palhaçadas, perpetuaram no caracter e nas inclinações dos povos essa paixão inveterada, e essa propensão até certo ponto organica, das desordens annuaes, a que certas solemnidades parecem imperiosamente incitar.

Os folguedos em honra de Saturno celebravam-se em fins de dezembro e foram instituidos antes da fundação de Roma, em sua memoria e na da licença que ali reinava, naquella época primitiva, época denominada pelos poetas — IDADE DE OURO. A opinião mais corrente é que taes folguedos tiveram logar pela primeira vez por occasião da victoria alcançada contra os latinos pelo dictador Postumio. A principio só duravam um dia: Augusto estendeu-os a tres, Caligula adjudicou-lhe mais um dia, que denominou Juvenalis e acabaram finalmente, durando a

(Cont. na pag. 25)





C A R N A V A L

Até que enfim chegou mesmo a nova mascarada. A alegria que andava anêmica, tomou uma forçinha e veio brincar na alma da gente.

Na alma da gente e na de todo mundo. Até nos dos homens mais circumspectos. Como a do dr. Julio Bello, por exemplo. O respeitavel e illustre chefe do executivo estadual vae sahir phantasiado de Julio... Feio.

O dr. Joaquim Bandeira phantasiou-se de synonymo: dr. Joaquim Estandarte.

O dr. Samuel Hardman

vae sahir de Vermelhão... do café.

O senador Pedro Paranhos vae pintar a barba. E ficará, então, o Barba Azul.

O dr. José dos Anjos, para disfarçar, largou os anjinhos e pegou-se com as onze mil virgens das alturas. E vae sahir: dr. José das Virgens.

O dr. Gylberto Freyre veio do Rio phantasiado de bigode á Ulysses Freyre. Em troca o Ulysses está phantasiado do velho Gylberto.

O velho "coroné" Biló, em vista do successo de sua phantasia no anno passado, vae arranjar uma outra neste anno igualmente sensacional. E irá de jockey na pelle de Urso. E o Biló está mesmo gostoso com a phantasia, para a "ursada" da pandega!

Nelson Vaz pediu-nos para declarar que irá ao Internacional phantasiado de "Sódade veia".

E adiantou:

— O Anteogenes vae ficar damnadinho!

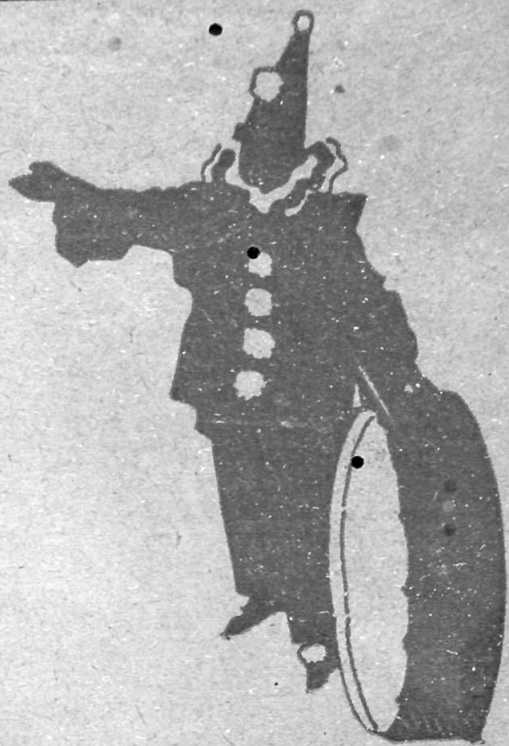
Lauro Villares arranjou a sua phantasia: Krownprinz da Teutonia.

O velho Antonio Villares tem uma phantasia de successo: vae copiar o frade da Brahma.

Maciel Filho está phantasiado ha muito tempo: é o metro da "Metro"...



Defenda a
sua roupa
usando o sabão



MARMORISADO

de

Loureiro Barbosa & Cia. L.^{tda}



—
CUIDADO
COM
AS IMITAÇÕES!



O "Bloco dos Casaquinhas" tem gente fina que será capaz de revolucionar o "Jockey": Joca Amorim, o Pae do Lote; Antonio Loyo de Amorim, vice-Pae do Lote; Joice Cantinho, armação de balaio; Bernardo Cantinho, Bomba de Usga; Maneco Moreira, Bomba de ether; Paulo Pinto Pessôa, Bomba de wiskey; Lula Cardoso Ayres, o homem dos tres corações; Mauricio Cardoso Ayres, Hospital de Doenças Nervosas; Humberto de Oliveira, coqueirinho; Alvaro de Oliveira, coisinha boinha; Lourinho Fernandes, Bôbo Aça, Antonio Rodrigues de Souza, o Ho-

mem de Ferro; W. Cox, W. C.; e Octavio Moraes, Doutor de Revista.

O dr. Caio Pereira tambem vae apparecer numa phantasia que lhe fica uma luva: compendio grammatical com encadernação de luxo.

O dr. Luis Delgado vae sahir de dr. Luis Magro.

O Alberto Collares vae metter-se na phantasia de secretario perpetuo da L. P. D. T.

O poeta Ascenso Ferreira só vae ficar bem na phantasia de Mestre Carlos.

O dr. Oscar Pereira pediu licença ao senador Thomé Gibson para se pantasiar de combustivel nacional.

O poeta Austro-Costa vae phantasiar-se de "Incendio" á espera que lhe chamem a Companhia de Bombeiros.

O joven escriptor Antonio Fasanaro arranjou uma boa phantasia, a de deputado pela Parahyba.

O deputado Anisio Galvão tambem quiz usar um "travesti": Doce de Pesseira.

O Cicero Leite, por ser de Garanhuns, phantasiou-se de Cicero Café.

O Octavio Cascão trouxe do Rio a phantasia: Trombone Carioca.



O Agenor Cesar arranjou uma phantasia exquisita: Rua das Flores.



A R L E Q U I M

TRÊS PHASES DO CARNAVAL

MISAEEL DE MELLO

A QUEM, como eu, seja amigo de andar devaneando por assumptos de arte, a aproximação do carnaval ha de, certamente, lembrar os nomes dos extraordinarios creadores do moderno carnaval parisiense, aquella magnifica trindade de artista do lapis: Watteau, Gavarni, Willette. E' que elles representam tres phases distinctas nas chronicas da loucura.

Watteau, o primeiro, foi o creador de Pierrot e Colombina. Antes delle os typos de Arlequins, vindos do LAZZI italiano e devidos á fantasia de Jacques Callot, cahiram no grotesco. Watteau modificou-os, impregnou-os da sua philosophia e da sua elegancia, condensou-os então num typo de rapaz bem vestido, bem prendado "e, para o ter em brios, — commenta Gonzaga Duque — estendeu-lhe o braco de Colombina, travessa e risonha, ao geito original duma SOUBRETTE, mas com uma pontinha de dama pinpona".

Mas á mascarada de Watteau faltava o principal: — ella não era licenciosa; Colombina era quasi ingenua e Pierrot muito triste e, o que era demais, muito commedido.

Dansavam minuettes, é certo, sorria graciosamente, mas, meu Deus! não conhecia ainda a verdadeira arte de enganar corações. Eram frios e commedidos como gente de sociedade "lirtando" num chá de beneficío.

carada muimuito
s seus
estina-

na-
ra
es
f-



dade e o orgulho burguez — Carnaval de doidos, alacre com seus modos irreverentes e brascos.

O Gavarni surgiu com o seu talento, o seu chiste voluptuoso e quente, assimilando a loucura e modificando os velhos moldes da folia, ao simples toque da sua formidavel ironia. Delle deriva o carnaval moderno, porque nem Grevin, nem Willette, conseguiram modificallo, fazendo-o perder o traço inconfundivel do genio do celebrado artista. Gavarni era o espirito do Carnaval! Da sua preciosa obra gravada, "Les Debardeurs", editada em Paris, juntamente com outra colleção sua, "La vie d'un jeune homme", pelo livreiro Garnier, ressaltam os vestuarios apropriados a despertarem a cobiça, pelo modelado dos contornos e pela sabedoria no desnudar a carne, convidando á loucura, num gesto de provocação.

Esta loucura, epile-

psia do riso entre o entrelaçar das serpentinas, tem talvez a sua melhor interpretação numa pagina de ironia e de satyra dè "Les Debardeurs", que tem como legenda este grito caracteristico:

— Malheureuse enfant! qu'as-tu fait de ton sexe!

Sim, até os proprios sexos soffreram sua profunda influencia, invadidos que foram pelo desenfreado poder do Carnaval.

Gavarni, conseguira a verdadeira democracia demoniaca terra a terra, em que se não conhecem meios termos. O seu genio tumultuoso nivelou todas as classes sociais, sob o jugo pitoresco dum desmesurado can-can, onde o LOUP impessoal esconde, com o rosto, a posição social e o juizo de quem o usa.

Em vão Willette, depois de Grevin, que adorava o MAILLOT, tentou modificar Pierrot, fazendo-o superior á loucura, apresentando-o

como um artista elegante e futil, creando, para contrabalançar com elle, Pierrette, a dansarina gentil e endiabrada, como uma nota CHIC de escandalo.

Mas Gavarni dominava a multidão; a sua obra, por ser menps espiritual, estava mais de accordo com a alma do ZE-POVO, e a modificação de Willette ficou isolada entre a loucura dos carnavalescos. E' que, como observa o já citado Gonzaga Duque, a erudição contraria o carnaval, que, emquanto não surgir um artista de merito capaz de apprehender o novo typo, como um traço da psychologia do momento, será sempre esse desenfreado rugir de sensualidade alegre e sentimental, immortalisado pelo lapis Gavarni em "Les Debardeurs".

E' assim que vamos ver nestes tres dias, já bem proximos, de concupiscencia e abandono, a gravidade levantar vôo, para dar logar ao batuque do pandeiro, á melodia chorosa das musicas carnavalescas, a cujos encantos não resistem as preocupações da vida, e, muitas vezes, até o proprio peso dos annos.

Sob a influencia do Carnaval todas as bocas se abrem num sorriso, todas as imaginações se voltam para as fantazias com que velhos, moços e creanças, irmanados na loucura, vão espantar a caturra pretensão dos moralistas.

O prazer empolga, entontece, agita o coração no torvelinho das mascaradas e dos CONFETTI pingalgados.

Os proprios scepticos e maldizentes arrastam seus aborrecimentos e seus clamores no meio da turba-multa de doidos. Ai! os scepticos e maldizentes, com que

(Cont. na ultima pga.)

A invencível

TEUTONIA

foi,

é

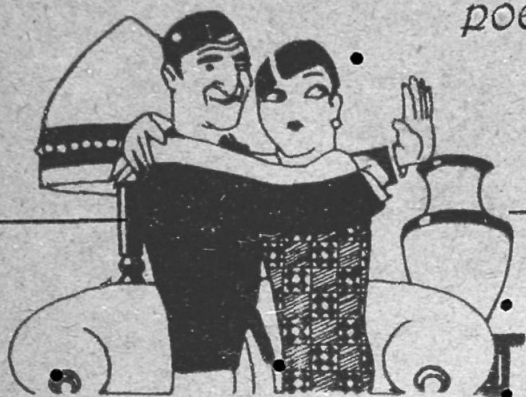
e será.

a cervêja predilecta

dos foliões

pernambucanos!

O que ficou na
poeira da
semana . . .



A trinca de 250 faz progressos. O violinista foi muito feliz no último baile, mas quebrou o monoculo. O "inglez" dansou, disse frases amaveis á hespanhola morena, mas teve ciumes. O moço escriptor ficou mais encantado pela linda morena, mas perdeu uma oportunidade para uma apresentação.

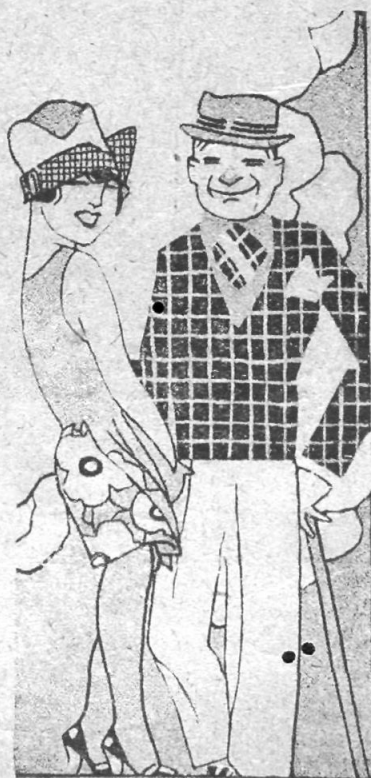
O que parece certo é que a côr morena predomina nas predilectas dos tres rapazes. Mesmo assim um delles, mostrando as veias azues do braço esquerdo, na volta do baile, no automovel, insistia:

— Nós somos brancos...

A saudade leva, ás vezes, um pobre mortal até a não brincar o carnaval. Foi o que se deu com o joven medico, renomado folião, que neste anno vae "bancar" o serio, com saudade dos olhos da criaturinha que está longe, talvez a pensar nelle e, talvez mesmo a pensar... no carnaval.

A promessa que ella arancou a elle de não ir ao baile do Internacional parece que será cumprida. Pelo menos foi isso o que elle confiou a um amigo intimo, de cuja indiscreção viemos a aproveitar esta nota.

A linda moreninha cujo successo em um dos ultimos bailes carnavalescos da cidade foi digno de nota, está contente agora. O Carnaval



vae ser bom... como o do anno passado. E' que o joven conterraneo do celebre sr. Dionysio Bentesahi está, disposto a matar saudades e a brincar o carnaval.

As telephonemas que o poeta de oito cylindros está recebendo constantemente já estão fazendo o rapaz nervoso. Mais do muo que já é. Quasi todo dia, vem uma ingenua procurar o poeta—galã para a comedia estafante de uma conversinha anonyma pelo telephone. O resultado é que o poeta, extremamente sensivel, incendeiase logo e dahi recorrer a companhia de bombeiros é um nada...

O carnaval foi o pretexto para a gentil criaturinha arranjar um sonhado habeas corpus a fim de cahir na pandega e mostrar áquelle seu velho "camarada" que não está ligando ás attitudes romanticas em que seu bigodinho põe um gosto de 1830.

ARLEQUINADA

OLEGARIO
MARIANO

Terrasse de casa elegante na Avenida Atlantica. Vêm do interior as notas longinhas de uma orchestra de tzyganos. Lá dentro pares fandangolam. A alegria desvaira. Noite de Carnaval.

Arlequim, encostado á balastrada, deante do mar e da noite, está em extase, a ouvir as palavras de Pierrette.

PIERRETTE

Seja! Um beijo. Mas só depois que me disseres Quem foi que te ensinou a mentir...

ARLEQUIM

As mulheres...
A mentir e a fazer soffrer...

PIERRETTE

Litteratura...

E dizer que anda assim uma pobre creatura Tres dias supportando o delirio amoroso De alguém que ama por vicio e menté por goso. Ora vejamos: tu passas noites em claro pensando em mim.

ARLEQUIM

E então?

PIERRETTE

Pura blague, meu caro.
Passas noites em claro, é verdade, embebido A jogar; muita vez até com o meu marido.

ARLEQUIM

Que ganha sempre por signal. Toda a partida Lhe pertence. Tem visto a fortuna na vida. Feliz que pode ter tudo quanto deseja: A bocca que não beijo é a bocca que elle beija, O olhar languido que amo é justamente aquelle Que não deixa de olhar constantemente o delle. Tem sido sempre assim...

PIERRETTE

Infeliz quem te escuta,
Orpheu fascinador! Teu beijo tem cicuta.
Como sabes mentir! Arlequim-Lovelace
Das noitadas do Assyrio e kan-kans do Palace;
O D. Juan, Barba Azul sem nervos e sem alma.
Que traz um cheiro de mulher em cada palma
Da mão e em cada phrase apura e torce e lima
A flor do madrigal na corolla da rima.
Um poeta...

ARLEQUIM

Que dispõe de mil damas em summa
E seria feliz sendo amado por uma.
Mas a felicidade, o amor que se presume,
Como o ether que se evapora do teu lança-perfume
Vive um instante no ar, um instante indeciso
E morre na expressão breve do teu marido.
Depois... E o beijo?

PIERRETTE

O beijo? Amanhã.

ARLEQUIM

Não, agora.
Não vés! Paira um silencio estrellado cá fóra.
A noite deita ao mar beijos que são scintellas.
Anda o luar pastoreando um rebanho de ovelhas,
As estrellas. Na sombra azul que a noite espanca.
O céu é calmo... O mar é triste...

PIERRETTE, n'um gesto de quem aponta...
A areia é branca...

ARLEQUIM

Teus olhos, através das pestanas serenas,
Brilham...

PIERRETTE

E as pinhas mãos?

ARLEQUIM, beijando-as

As tuas mãos são pennas

PIERRETTE, desvencilha-se do extase em que já estava enleada, solta uma gargalhada e corre pela terrasse...

PIERRETTE, abrindo os braços.

Não creio em nada! A vida é essa bola que gira
Sobre um eixo que tem por symbolo a mentira.
Não quero crer. O amor é apenas um gracejo.
O que existe além d'elle é o desejo.
A volupia que enlaça, o delirio que anima,
O demonio...

ARLEQUIM

Silencio! Ha alguém que se aproxima.

Um creado grave atravessa a terrasse com um bandeja faiscante de crystaes. Deposita-a n'uma das mesas e retira-se em seguida.

ARLEQUIM

Amanhã. Desde que amo e passo incomprehendido
Me fere esta palavra eternamente o ouvido.
Soffro demais!

ARLEQUIM

Como nunca o proveí, deve elle ser mais doce.

PAUSA

Ha quanto tempo sonho o goso fino e lento
De poder aos teus pès derramar o tormento
Da minh'alma e dizer como a flor diz á abelha
Uma historia de amor, roçando a tua orelha.
Uma historia vulgar. Um acoo que anima.

PIERRETTE

Um melodrama?

ARLEQUIM

Não. Uma simples pantomima.

PAUSA

ARLEQUIM, chega-se mais para perto de Pierrette e murmura-lhe ao ouvido :

Noite de luar, numa "terrace".
Arlequim, uma lagrima na face,
Tremulo diz :
Pierrette, não me conheces ...
Ai se soubesses
Como sou infeliz!
Pierrette attenta o ouvido
Na sua voz, mas o marido,
Pierrot bebedo e vulgar,
Chega, enlaça Pierrot,
E vão na poeira de confetti
Serpentinando o ar ...
Arlequim, deante de dez taças,
Bebe uma a uma. Tu que passas,
Mas arada, põe-te a ver :
E' o champagne que o domina?
— Não é champagne, é morfina.
Arlequim vae morrer.
Arlequim ! Teu peito está cheio.
Morre comtigo o galanteio,
A blague, o encanto fascinador.
— Foi o champagne ? Foi a morfina ?
— Não, minha menina,
Foi o amor ...

PIERRETTE, commovida :

Linda historia ! mas tem um fim que não devia.
Felizmente, Arlequim é apenas phantasia ...

PAUSA

PIERROT, surgindo á porta que dá acceso ao salão :

Mas que fazem vocês aqui nesta humidade ?



PIERRETTE

Agora um momento de calma.

Dirigindo-se á bandeja.

Um pouco de champagne melhora o estado d'alma

ARLEQUIM

Sim.

Emborca em pequenos intervallos, a primeira,
a segunda, a terceira, a quarta taça.

PIERRETTE, tomando-lhe a quinta taça :

Basta ... Não permitto exaggeros. Na vida
Que exaggeres no amor, mas nunca na bebida,
E' feio ...

ARLEQUIM

Pouco importa. E' nella que me illudo
E de tudo que sonho, alcanço quasi tudo.

Erguendo a taça e olhando-a :

Na gemma côr de mel que á superficie boia
Com reflexos de sol e lampejo de joia,
Vejo : é um topazio que se biparte no centro :
São teus olhos ! e os meus ficam quietos lá dentro.
Levo aos labios, a mão tremendo, a taça fragil :
E' um favo. Lavorou-o uma abelha mais agil,
Uma abelha que amou os lyrios que não bolem
E fez teu beijo e o mel quasi do mesmo pollen.

PAUSA

Estendendo-lhe os braços.

Dá-me outra taça.

PIERRETTE, apanhando a taça e bebendo alguns goles, antes de entregal-a :

Por que dizes que o meu beijo
E' um favo ? Que loucura ! Illusão do desejo !
Como sabes se é doce ? e se acaso não fosse ?

PIERRETTE

Vemos a noite e o mar...

PIERROT

Deixa de bestidade. Vem dançar. A Beatriz está maravilhosa, Phantasiada de vespa e o marido de rosa. A Elsa trouxe no manto asas de borboleta. Zuleika veiu de Maria Antonietta. Todos dançam. Lá dentro a alegria extravasa... 'Stou radiante! E' um jardim de flores minha casa!

PIERRETTE

Não. Queremos ficar ainda um pouco cá fóra.

ARLEQUIM

Depois iremos...

PIERROT

Sim. Don-lhes um quarto de hora... Rí alto e se afasta gordinho e alegre.

ARLEQUIM, depois de um longo silencio:

Homem feliz o teu marido! Elle extravasa... Pudera! si é um jardim de flores sua casa...

PIERRETTE sorri um sorriso triste.

ARLEQUIM, tomando-lhe as mãos:

Meu amor! E dizer que tu foste educada Flor de estufa, camelia espiritualisada Para augustos salões ou sombras de arvoredos, Onde alguém com uma flor heraldica entre os dedos, Curvado, te dissesse, inebriado quasi, Na elegancia do gesto e no lavor da phrase Tudo; mas fico mudo, inteiramente mudo Porque te amo demais para dizer-te tudo.

Debruça-se á muradã e chora.

PIERRETTE, depois de um longo silencio:

Deves convir... A minha vida... A minha vida E' bem isto que vês, esta ansia desabrida De ideal, de um grande ideal que o mundo não compre- [hende. Mas não posso quebrar a algema que me prende.

PAUSA

Que diria de mim a sociedade toda,

Essa gente que gira em torno á nossa roda Que diria de mim? A perfidia de lama Teceria com as mãos de sombra a ignobil trama E, élo por élo, vinha estreitando a cadeia. Depois era o esplendor de um sonho que baqueia, Uma mulher a mais para a historia sombria Da Vida... E a folha morta ia na ventania...

Suffocada, em soluços, passa-lhe inconscie os braços em torno do pescoço e dá-lhe a boca Ha o fremito de um longo beijo.

ARLEQUIM, fallando-lhe dentro da bocca.

Que importa? Vem! O amor é essa illusão de ag

PIERRETTE, afastando os braços que a enlaça

Não posso...

O creado, que surgira sem ser presentido, to

O CREADO

E' que o doutor chama pela Senhora.

Ha um grave silencio. O creado retira Pierrette, afogueada de volupia, compõe os bellos desalinhadados, joga inda um beijo a Arlequim e sahe.

Arlequim, só, entregue ao seu delirio, embrigado de alcool e de emoção, olha longamente mar e a noite. Depois, num gesto molle e deslento, tira do bolso algumas empoulas e um seringã. Toma da agulha e crava algumas vez no braço.

ARLEQUIM

Um cinzel a rasgar as veias da obra prima.

Numa voz que mal se percebe:

Arlequinada... Triste fim da pantomima...

Rola a cabeça sobre a mesa. Momentos depois está morto. De subito, uma algazarra diabolica acorda a terrasse adormecida. Pierrot surge porta arrastando Pierrette e uma longa farafala de mulheres. Vêm cantando e dansando. Arlequim em torno da mesa onde se debruça Arlequim. Jogam-lhe confetti sobre a cabeça em palavras loucas, ao bebado, enquanto no alto ce a mascara tranquillã da lua olha a scena com um sorriso cortado de piedade e de ironia para aquelle fim de acto.



CARNAVA L

A D A L B E R T O
M A T T O S

STÃO proximos os dias em que a folia imera, dias em que a vergonha e a austeridade ficam enfiadas em casa. Vejamos, pois, o que foi o reinado irreverente, nos tempos de antiguidade.

No Carnaval de hoje não existe mais o pitoresco das fantasias, nem o espirito dos mascarados; tudo, como todas tradições da cidade, desaparece... O Carnaval de hoje é o curso monotono, com decorações de má gosto, só permitido aos ricos. Out'ora quem se divertia realmente era o povo, o entrudo era o "pivot" dos divertimentos, não custava nada e era bem mais engraçado que os de ether e outras drogas nocivas aos olhos e à pelle. O entrudo tinha um encanto especial, tinha o "limão de cheiro" e as seringadas irreverentes nos collarinhos duros, nas cartolas pelludas e bebados engomados...

As cantigas das vendedoras de "limões" cortavam o ambiente festivo:

Quem entruda seu
["amô"
É signal de intimi-
[dade;
Yáya, entrude a yôyô,
Para lhe ter amizade.

E as moçoilas garulas, de faces esfogueiadas e vestidos encharcados, em companhia do rapazio, investiam para a vendedora, esvaziando-lhe o taboleiro polychromo dos limões de cheiro. A mulata partia dengosa, batendo o taco das chinellas pela calçada em busca de nova "quitanda", sempre cantando...

As "batalhas" assumiam ás vezes caracter serio, os limões eram postos á margem e a agua jorrava dos esguichos dos jardins inundando tudo... Mal a victima se via livre da agua, surgia o alvaiade e a farinha de trigo...

Os que não podiam comprar limões de cheiro, reuniam-se em torno do chafarizes, travando combates encarniçados, — bem felizes aquelles tempos: os chafarizes tinham agua...

Tal divertimento existiu até bem pouco tempo, nos ultimos carnavaes do seculo passado, na rua do Ouvidor. Os "limões" cortavam o espaço em grande quantidade, depois vieram os balões de borracha e as seringas de desinfecção. No tempo em que o grande e saudoso Oswaldo Cruz iniciou o periodo de expurgo no Rio de Janeiro, muitos estudantes e até medicos, sahiam á rua empunhando as longas se-

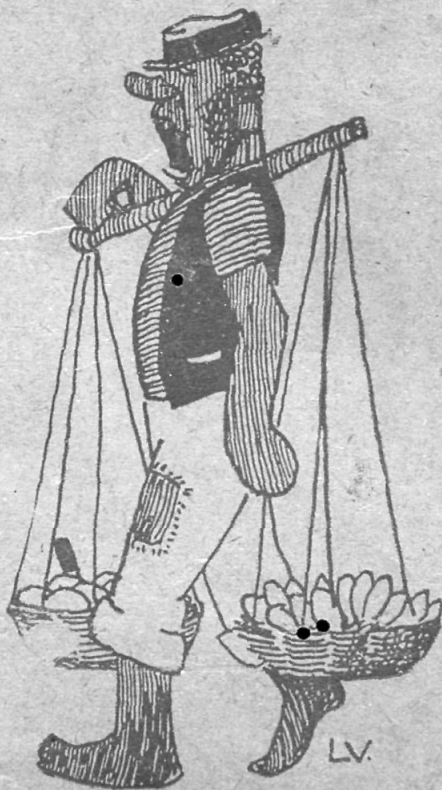
ringas metallicas para "entrudar". Muitas vezes vimos o saudoso Dr. Graça Couto batalhar encarniçadamente; acompanhava-o um criado conduzindo baldes de agua, onde se abastecia...

Pouco a pouco, desapareceu o entrudo. As bisnagas, em forma de relógios e revólveres tiveram então vasta applicação; o extracto de bergamota, a agua florida e outras essencias foram largamente utilizadas no preparo das "aguas de cheiro" com que carregavam as bisnagas. O abuso e a maldade de certos individuos, que, em vez de "agua de cheiro", empregavam acidos violentos,

levaram a policia a prohibir o seu uso.

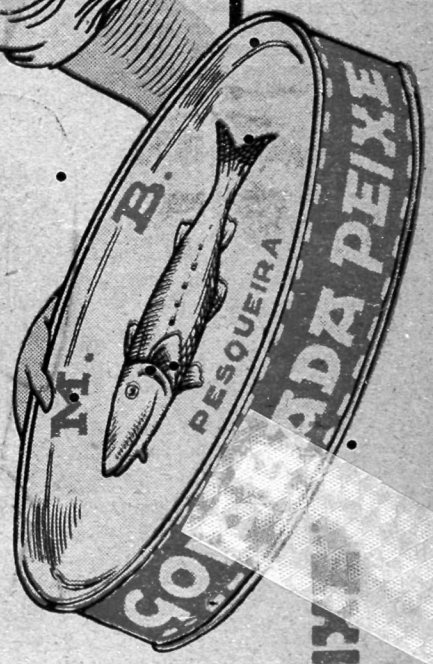
Com a prohibição surgiu o lança perfume, pretendendo substituir os meios usados nas pugnas carnavalescas, porém, a acolhida foi muito relativa, devido aos preços elevadissimos por que eram vendidos. O "confetti", tão pittoresco e alegre, que atapetava a rua do Ouvidor, está tambem em franca agonia. A serpentina tem tido a sua "revanche"; é um dos maiores divertimentos do actual Carnaval.

O que é mais doloroso é a perda dos caracteristicos que o nosso Carnaval offerencia; as mascaras genuinamente nacionaes desapareceram completamente. O "diabinho", tão alegre, todo encarnado com a sua mascara horripilante, de cornos e lingua enorme de fóra, fazia o encanto dos antigos carnavaes; sempre em bando, aos pinotes, com os rabos a rodar como rodinhas de fogo, Javam a nota encantadora da cidade; o "Bébé chorão", de tralda e mamadeira; o "Morcego", todo negro, de grandes azas e saltitante; a "Morte", pavorosa, toda de branco com uma foíce, desapareceram tambem. Hoje, o que se vê pelas ruas da cidade, não possui o menor vislumbre de caracteristico: os "Apaches", os "Clows", os "Palhaços" e os "Sujos" constituem o grosso do Carnaval. Um ou outro "Dominó" apparece, raro é o "Arlequim" e ainda mais raro é o mascarado espirituoso que sabe dar um trote sem offender, unicamente com os recursos da ironia e da pilheria. A critica desapareceu quasi completamente. O que ha actualmente é unicamente a preocuparção de entupir os olhos do publico com almanjarras douradas.



GOIABADA "PEIXE"

A RAINHA DAS SOBREMESAS



MARCA "PEIXE"

O ENTRUDO

O CARNAVAL de hoje não é nem sombra do que foi o primitivo entrudo, — esse que fez as delicias dos nossos antepassados. Aquillo sim, aquillo é que era folguedo. Reinava sua alteza o Riso, fazendo andar tudo em polvorosa, tudo a nadar em mar de goso.

Mal apontava o meio folião, já os dois sexos — saias e calças — agitavam-se num assanhamento... que parecia que tinha havido troca: os doidos estavam na rua e a gente ajuizada internada na Casa de Orates.

Pessoa e Cousas viviam em dansa acelerada.

Os baldes e as seringas, as bacias e os jarros encontravam-se atraz das janellas, attestados, cheios, a transbordarem de agua fria, para ser arrefressada como baptismo aos incautos que passavam pela rua, embora estes fossem preocupados, com cara tormentosa, cara de poucos amigos, cara de quem volta de visitar a sogra.

E não se podia protestar, tinha de aguentar-se a ducha, caladinho, resignado, com risinho — embora amarello, a fluctuar nos labios — senão era um grosseiro, um incivil, a que faltava a educação precisa.

Era sabido: quem não se podia molhar que ficasse de portas dentro e não expuzesse o corpo á rua.

E os limões de cera?

Aquillo que era obra perfeita e assejada.

Quando aquellas bolinhas — com maciez de pedra e cheiro exquisito — partiam era preciso recebê-las com agildade, do contrario arriscava-se — se acertava num olho — adeus olho — a ficar sem olho para o resto da existencia.

A' noite — quando se regressava ao lar — o fato vinha pingando e o peito a piar como ninhada de pintos — mas isso nada era, comparado ao prazer que se gosara.

E quantos episodios — serios e comicos — succediam a cada canto e a cada passo, nesse saudoso tempo que nos disse adeus para nunca mais voltar?

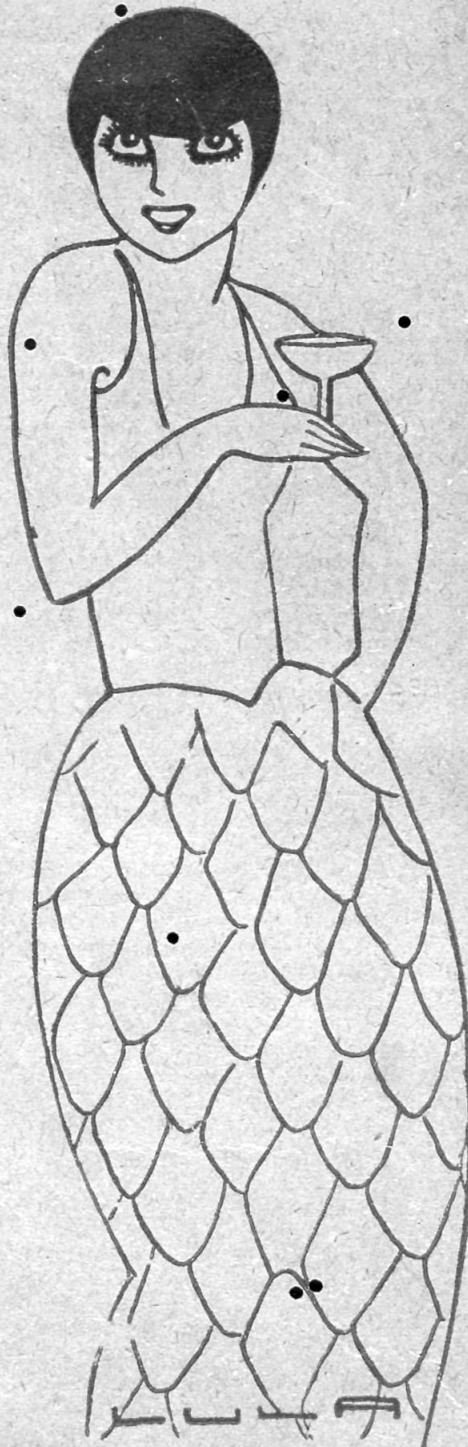
O caso do padeiro — por exemplo — esse nunca teria chegado ao desenlace que chegou, se não fosse arrastado pelo tal brinquedo.

E' verdade que não contei ainda o facto — não contei, mas vou conta, antes que me esqueça.

Antonio José — não o celebre

cultor das musas, que foi tragicamente frito nas caldeiras da Inquisição mas outro com igual nome, que, em épocas que longe vão, foi estabelecido com salchicharia, possuia uma filha... que era um Deus nos accuda!

Não era dizer-se que lhe faltava isto ou aquillo que tinha um olho de mais ou uma perna de menos, nada disso. Tinha tudo nos seus logares e até possuia sobra — em gordura e fealdade.



Zefina — como a tratavam em familia contava trinta annos, mal contados, e se não fosse a cara e o corpo podia passar, como tem acontecido com outras de mais crescida idade.

Quantas vezes o pae, de caturra sombria, em camisa de chita e chinellos de ouro, dava tratos á imaginação, monologando soturnamente na pequena alcova que occupava:

— Ora, como diabo hei de despachar esta rapariga que já está a crear pés de gallinha e quasi a cahir em exercicios findos? Parece incrível! Tantos homens por ahi e ainda nenhum se lembrar de lhe deitar com cubica o olho! E' preciso dar geito e descobrir o meio... Deus, que é grande — que até escreve direito por linhas tortas — pôde ser que num momento de bom humor se lembre de lhe enviar o que lhe falta. Sim, porque isto de ficar refugada e sem desconto é uma espiga que não deixa de ser vergonha.

Depois subia o dedo, coçava a claraboia, onde dormiam as idéas, dava um suspiro e, conformado, rematava:

— “Casamento e mortalha no céu se talha”, vamos esperando com calma, que o que tem de ser tem muita força.

Emquanto o velho autor de seus dias ruminava nestes conceitos, a filha, disfarçada, com ar de ingenua, andava a deitar ternura da janella para baixo.

E as suas miradas, envoltas em languidez, iam parar no visinho do pão, que morava fronteiro á casa.

O barco ia n'agua, navegando em mar tranquillo, dando esperanças de abicar em porto seguro.

A visinhança — abelhuda como toda a visinhança que se presa — andava alvorçada, a cochichar em commentarios que pareciam pontas de alfinetes:

— Será agora?

O Damião barbeiro piscava o olho com ar malicioso para o caixeiro da botica:

— Que lhe parece, ó seu Elesbão? Elle tem bom estomago...

Ao que o outro retrucava:

—... muita paparrotice; bom é que pague com a lingua.

O Exequiel coxo, o do botequim — que vivia só desde que a mulher abalára com o sargento — esse esfregava as mãos, revirando a perna torta:

— Faz o Rufino muito bem. Com aquella pôde estar descansado. Esposa quer-se assim: —

idade de juízo e feia de espantar. E o tempo rodava, levando com elle os dias.

Quando o ex-industrial pescou o derrigo creou uma nova e, como soldado velho em batidas de amor, encheu-se de coragem, vendo que as bichas iam pegan-



do. Uma noite, parafusou, ruminou e pela manhã quando saltou do leito, absorveu-se em pensamentos, de calculista financeiro:

— O negocio não é máo para quem, como eu, faz despeza regular em productos de farinha de trigo... Em elle se casando estes gastos dão baixa, não me sahem mais da algibeira...

E depois da pansa, em que esteve a metter os botões nas casas para segurar as calças:

— E vamos lá; não é só de economia que se trata... o rapaz tem cabeça e freguezia. Está ali, está a fazer capital. Com a politica tambem vae indo, vae bem, tanto que já o fizeram alferes da Briosa. Assim não me deitem a baixo a igreja. Convém apertar a laçada com um nó firme e bein seguro. Geito e astucia é o que é preciso. Vou me pôr de alcatéa e ratoeira, a ver se o rato cheira a isca e não vae embora...

E nesta disposição de dar luz a sombra, accudiu ao chamado do almooço.

Sentou-se á cabeceira da mesa e começou a entrar no seu guisadinho bem apimentado, a mastigar com as gengivas, por falta de dentes. Pela adiposa phisionomia espalhava-se um riso maroto, velhaco, prazenteiro.

A filha — que tanto de feia como de finoria — percebeu que ali estava mouro na costa.

— Ó papae, o senhor dormiu a noite bem e teve bellos sonhos, não é verdade?

Encarou-a com um engordurado sorriso dependurado á borda dos beiços...

— Porque perguntas isso?

— Está com o semblante tão jovial...

Lisonjeado, largou o copo do verde que esgotára, e encarou-a de frente.

— Ponhamos de parte rodeios, que de nada servem e enveredemos direito ao fim. Sabes que não deixo fazer-me ninho atrás da orelha e não gosto que me ponham pedra no sapato. Portanto fala claro e franco: gostas do Rufino?

Esta descarga a queima roupa fez com que a filha baixasse a fronte e ficasse com a côr dos rabanetes que estava a trincar.

— Não te faças sonsa, larga a "acanhação" e desembucha sem receio. Isto, sendo para bom fim, não é peccado. Desde que o mundo é mundo, esta petisqueira vem a todos e todos estalam com prazer a lingua. A questão é que esteja ao paladar e com temperos que agradem á vista.

Ella creou alma nova e aos poucos foi despejando tudo:

— Gosto, sim senhor.

— Muito bem. E elle?

— Tambem gosta.

— E como é que sabes? Como é que vocês se entendem? E' por gaifonas ou letra manuscrita?

— Nem por uma nem por outra coisa. Tenho lido nos seus olhares de fogo.

— Sim, senhor. Pois menina, visto haver fogo não ha tempo a perder. E' preciso calmar o incendio e quanto antes. Nada de bisonhices que os maridos andam pela hora da morte. Eu me encarrego da agua para apagar a chamma — deixa estar — e hoje mesmo e sem demora. Vocês já não precisam maioridade. Casamento demorado dá para reflectir e acaba por ser desmanchado. Isto deve ser dito e feito, e feito assim: — Gosta ou não? Se gosta, toca para a frente e vamos de uma vez amarrar o nó.

Depoz o talher, levantou-se, bateu na pança repleta, pigarreou, cuspiu e entrou no quarto.

Envergou a sobrecasaca comprida e solemne, encaixou o chapéu de grande cano e pouco pello e encapotado nesta encadernação de luxo, drrreado de peso e de suor, sahio com a gravidade de um defunto, deixando a filha com o assanhamento da pulga em sangue bom e pelle lisa.

Quando poz o pé direito na padaria, estava o proprietario na faina costumada.

Dezembro suffocava com seu calor de fomalha.

Rufino, que suava pelo topete a cima e pelo corpo a baixo, dispu-

nha-se a mudar roupa, quando sentiu atrás de si um vozeirão zapaz de ensurdecer um sino.

— Oh! senhor Antonio! — disse voltando-se — muita honra em vel-o nesta casa. Sente-se, faça favor.

— Ademora é pouca. A creada sahiu e D. João foi creado de si mesmo. Venho aos "crakneis". A menina não passa sem os seus biscoutos.

O rapaz fez uma cortezia e respondeu:

— Isto é verdade. Você é um homem ás direitas, não tem nada que seja canhoto.

Rufino embatucou, ficou assim como quem tem cousa a tapar-lhe a engolideira. Contentou-se em sorrir, engatilhando um sorriso de modestia.

— O que admira é que tendo dedo para tanta cousa ainda não o tivesse para encontrar a costella que lhe falta.

— Qual! Quem é que me quer!

— Quem? Ora essa... conheço eu...

— Prompto, não precisa mais nada?

— Por enquanto só. Mas como lhe dizia...

E o Rufino, atalhando:

— Está um dia de rachar.

— Está quentinho, está. E' na-



tural: no verão é raro o frio. Mas como lhe ia dizendo...

— E as moças? E' um inferno, ha occasiões em que nem se pôde parar.

— E' da praia que fica perto. Mas como lhe ia contando...

— Um pão sovado, — pediu um freguez entrando e atirando o nickel para cima do balcão.

— Com licença, senhor Antonio.

— Sem mais aquella, não se constanja.

Começou, impaciente, a passear, a bufar com a bocca e a tocar tambor com os nodosos dedos sobre o alentado ventre.

Rufino serviu o freguez e quando voltou, — vendo que o outro não se despachava, — com desembaraço lhe foi atirado á queima roupa:

— Senhor Antonio, como o senhor não é, de cerimonia, ha de desculpar o ir mudar a camisa, que está a esfriar-me o corpo, sim?

— Pois vá, essa é boa, não facilite. Olhe que a doença é a peor cousa que ha a para saude. Eu me vou. Com vagar conversaremos.

Sahi imperturbavel, magestoso, a sacudir as banhas, marchando firme, em passo militar, a rosnar para o interior:

Não espantemos a caça, não foi hoje, irá em occasião mais propria.

E o outro, com ar finorio, a espial-o do mostrador, a piscar o olho e a fazer-lhe um gesto patriotico:



Pois sim, espera por isso, vens para cá, que vens bem. Para ser pae dos teus netos preciso saber se o volume do dote corresponde ao peso do sacrificio.

E desde esse momento o esparto padeiro quebrou as vasas, fugindo o mais que podia de ficar a sós com o creador daquella — que na terra realisava o ideal da mulher feia!

Chegou o entrudo e o desse anno foi uma folia de espavento.

Pelas ruas viam-se grupos de mulheres — com o sangue injectado em phrenetico enthusiasmo — a correrem, a segurarem os homens, afim de leval-os ao banho.

O banho era sabido: — tanque na area ou banheiro no corredor, representava o folgado maximo.

Não havia appellação nem agravo: no meio da galhofa, das risadas e de uma balburdia que nem Satanaz se entendia, lá ia o paciente refrescar a lombada, com vontade ou sem ella.

Por mais esforços que fizesse, não se podia desvencilhar das rigorosas mãos que o seguravam, prendiam, puxando como se quizessem leval-o ao sacrificio de esfolal-o vivo.

O que fazia, — unica compensação, — era aproveitar o momento, agarrando-se ao que ficava mais a geito, a fingir que se estava a apertar, — por exemplo, — um redondinho braço de carnadura rijá; é porque não queria que fosse embarcada a roupa que estava enxuta nem lavado o corpo que se achava limpo.

A isso tambem ninguem ligava importancia, nem fazia caso. Tudo era troça e pandega, — a liberdade era dilatada e ampla.

Na casa do aposentado negociante de carne ensaccada, moças de todas as idades e feitios faziam a cousa render em ruidoso barulho e animada gritaria.

O visinho, — rodeado por magote de pandegos, — com pulso firme exercitava-se com os limões, que cruzavam o ar e iam

esborrachar-se, — ora na parede, ora em Rufina e suas alliadas.

A pejeia era cerrada, as hostilidades sem treguas. Não afrouxava — nem de cá para lá, nem de lá para cá.

De repente, houve suspensão temporaria. Das janellas sumiram-se as cabeças que as enfeitavam. Ficou tudo em silencio. Parecia que o inimigo, rendido, pedia repouso ou paz.

Calmado o tiroteio, a mocidade, em grande risota e commentarios bulhentos, voltava á padaria, quando, bruscamente, sem ser esperado, como tufão que rebenta, — entrou de surpresa pela porta o bando de saias, deixando ficar tudo a escorrer, a gottejar, a pingar como um beiral de telhado depois da chuva.

Feito isto com rapidez pasmosa, dispararam todas, fugindo em accelerada corrida como gallinhas esfomeadas que vômam ao sitio onde deitaram milho.

— A ellas. — gritava o biscoiteiro a dar elasticidade ao peito, a espumear de enthusiasmo, — a ellas rapaziada, a ellas...

— A ellas — repetia o côro dos marmanjos mettendo-se pelo corredor a dentro e escadas acima.

A confusão, o borborinho, os tombos que se deram foram tantos e tantos, que até as paredes estremeçeram de horror e susto. Rufino com a alma cheia de bravura e as mãos repletas de limões, perseguia aquella que o perseguia. Foram indo, quebrando o corpo, fugindo em zig-zags, até sumirem-se os dois.

A algazarra, a desordem continuava cada vez em crescendo maior.

Tudo gritava e ria, inclusive o dono da casa, que gaialhava grosso, com estrondo de trovão, mas sem perder tempo. Os seus olhares perspicazes procuravam de esguellha o ponto onde se dera o eclipse.

Ninguem notára a falta... a não ser elle.



LV.



— Agora sim, tinha-o seguro, com a bocca na botija e o delicto a ser provado.

E dissimulado encaminhou-se com passo leve e pé subtil. Quando ia acocorar-se para enfiar o olho na fechadura, a porta escancarou-se e, se não fosse tão agil, a cara ficaria reduzida a bolo.

O par sahiu, sem cerimonia, com o desembaraço de quem vae ás pitangas.

— Alto ahí. O que estavam a fazer aqui?

Zefina comprehendea. Baixou a fronte e com olhos gelatinosos começou a espichar os labios, como quem se espreme para chorar e não tem vontade. O companheiro, aparvalhado, gaguejou, vacillante:

— Nada de mal, senhor Antonio, nada de mal. Estavamos a brincar... D. Zefina correu... e vov eu, como era natural, corri atraz... e vae depois... estavamos a brincar...

Então o pae, fulo, crescendo com o seu vulto enorme, cerrando os punhos, avançou com voz ribombante e gesto de quem vae furar o céu:

— Pois vá brincar com o diabo, entende? Isto não são brincados. Se você não desembucha, pondo o preto no branco e

já sem demora, temos um rebo-ligo de fazer o Padre Eterno largar os commodos para vir apitar pela policia. Cá em casa tudo é feito ás claras e não no escuro. Pensa que isto aqui é chegar, pintar, pôr o chapéo e boas noites? Está enganado. Não é assim que se compromette a reputação de uma donzella que é um poço de virtudes e boas qualidades. Ou casa ou vae tudo raso. Decida: Sim, ou sopas.

— Não se irrite a dar por páos e por pedras, senhor. Eu caso. Caso para evitar escandalos.

Foi agua na fervura.

Como se cahisse numa sorveiteira, esfriou acto-contínuo e com a testa desfranzida, com a ternura

Elixir de Nogueira

Empregado com grande successo contra a

SYPHILIS

e suas terriveis consequencias

Milhares de attestados medicos

GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE



mais captivante que poudé arranjar ás pressas abriu os braços:

Ah! isto é outro cantar. Eu bem sabia que quem amassa pão com honestidade não era capaz de levedar estragos no seio de uma familia. Vem a este jeito e uma esponja sobre o que se passou. Eu sou assim: duro como granito, mas amoleço logo quando mexem com agilidade e geito, O que lá vae... lá vae...

E, mentalmente, a repicar alluia, em triumphante prazer, dizia: — Custou mas foi; tambem se não é assim, não ia...

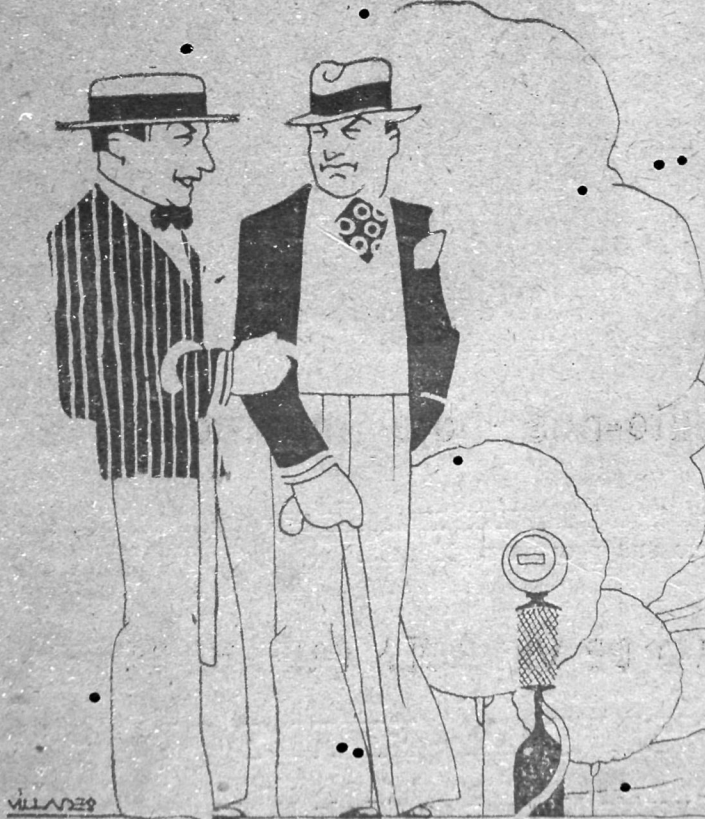
Afinal, para moralidade da festa, tudo acabou como devia acabar. — EGO AUCTORITATE da Santa Madre Egreja.

Todos os annos, porém, ao chegar a quadra vizinha da quaresma, Rufino, com a pratica que Deus lhe deu, chamava a rapaziada conhecida e dava-lhe conselhos de salutar prudencia:

— Não se mettam neste sorriso. O entudo é perfido e raramente não traz funestas consequencias...

E elle se isto dizia é porque tinha razões: — Cada um sabe a linha com que se cose...

AREIMOR



DANSE AO SOM DA MELHOR MUSICA DO MUNDO



Se V. sia. visitar o nosso estabelecimento em qualquer momento disponivel, poderemos convence-lo de que a Nova Victrola Orthophonica toca a melhor musica de dansa do mundo. Este maravilhoso instrumento reproduz a musica de dansa numa forma até agora desconhecida. Os sons baixos que caracterisam a musica de dansa moderna são reproduzidos em uma forma que encanta o ouvido. O rhytmo é absolutamente exacto, a melodia sumamente bella e a entonação extremamente potente.

Visite-nos hoje mesmo

Teremos o maior prazer, INDEPENDENTEMENTE DE COMPROMISO, em fazer uma demonstração em sua propria residencia.

HA UM MODELO DE VICTROLA QUE LHE INTERESSA

AGENCIA HUDSON

Avenida Márquez de Olinda N. 175

A ORIGEM •

I I

semana inteira. Com o correr dos tempos, as SATURNAES confundiram-se com as SIGILARIA, que em nada lhe cediam na desordem, estouvamento e irreverencia.

Durante os folguedos reinava a mais ampla liberdade, Suetonio legou-nos exacta descripção do quadro curioso e animado que as ruas de Roma, apresentavam durante as SATURNAES: velhos, mulheres e creanças, libertos e escravos, toda a cidade, em summa, perdia a cabeça; em frente a todas as casas armavam-se lautas mesas, a que a todos, sem distincção, era licito sentar-se e comer á TRIPA FORRA; os sacerdotes sacrificavam a SATURNO com a cabeça descoberta, o que não lhes era entretanto permitido nas demais ceremonias.

Na ruas, praças e jardins, dentro e fóra dos domicilios, só se ouvi- am cantos de alegria e gritos de regosijo; o COMMERCIO fechava, os tribunaes não funcionavam, as escolas ficavam desertas.

Raro era aquelle que não fazia economias, durante o anno, para gastal-as á farta, por occasião dos folguedos carnavalescos.

Nos dias de Carnaval era até tolerado os escravos fazerem-se servir pelos proprios senhores; e, nesse acto, isto é nesse papel assim invertido, tinham a faculdade de dizer-lhe as verdades mais amargas, zombarem delles, ridicularisal-os, mettel-os á bulha; fazer, em summa, tudo quanto d e mais extravagante lhes viesse á cabeça.

Seneca conta que a tolerancia chegava ao ponto de lançarem o proprio senhor em um tanque de agua suspeita, sem que por isso tivesse elle o direito de molestar-se e muito menos de se queixar.

A praticas tão extranhas juntem-se agora os bailes extravagantes, as

TROVAS SOLTAS

AO JOSÉ PENANTE

A penna com que eu escrevo
E' confidente de penas . . .
As penas são meu enlevo,
Pois que a penas me condemnas.

Canto, ás vezes soluçando . . .
Ai! quem não chora não sente! . . .
Eu choro, se estou contente,
E rio, se estou chorando . . .

Em caixa forte e fechada
Occultei tua afeição:
--- De beijos toda lacrada.
Com medo de algum ladrão.

No teu collo alvinente
Ha duas bolas de neve
Com dois rubis do Oriente
Que a beijar ninguém se atreve.

No Brasil não ha guitarras
Nem rouxinóas a soffrir:
Mas ha bondosas cigarras
Que cantam até morrer.

O fado nasceu na rua
Porque a rua é o seu solar:
E' o filho amado da lua,
Irmão gêmeo do luar . . .

O fado, ás vezes, nos deixa
Lembranças da mocidade
Amores, suspiro e queixa,
Descrença, dores, saudade . . .

O sonho que não alcanças
Morreu no peito, tristonho . . .
Esperanças . . . esperanças:
Resurreição do teu sonho.

No beijo que tu me deste
Feneceu nosso desejo:
Soffremos, soffri, soffreste,
Pelo peccado de um beijo.



ARMANDO GOULART

DO CARNAVAL

canções e cabriolas lúbricas, tudo enfim quanto pudesse virar pelo avesso o continente grave e severo da humanidade, e converter, embora por certo lapso de tempo, um povo morigerado e sensato em casa de Orestes, em uma legião de demonios.

Taes eram as SATURNAES de Roma — solemnidades alegres e espirituosas, que obrigavam Horcio a sahir pressuroso da cidade, em busca das horas calmas passadas no campo.

Conservaram-se como tradição do facto historico; ellas pintam, realmente, parte de um character de um povo, melhor talvez de todos quantos documentos, de todas quantas descrições se contemham nos seus annaes. Uma das características mais curiosas da instituição do Carnaval é certamente o seu perpetuo enlace com os ritos e ceremonias de todas as religiões, a sua tendencia em trocar, em confundir os seus ornamentos com as insignias respeitaveis, e, finalmente, em converter o proprio santuario em palcos de scenas burlescas e escandalosas parodias. Este consorcio singular do profano com o grotesco, da libertinagem com a impiedade, mistura e confusão que observamos nas festas e diversões do paganismo reproduzia-se por igual nos usos e praticas da igreja christã.

As festas do BURRO, dos INNOCENTES, dos LOUCOS ou dos subdiaconos, tão notaveis na idade media, levavam as lampadas, se não em licença, quando menos em extravagancia e ridiculo, ás SATURNAES de Roma; conservaram, sempre, como se manifesta a sua origem, um sentido philosophico e profundo, occulto sob todos aquelles accessos de alegria. Toleradas, quasi promovidas por um clero ignorante e supersticioso, que por

HEI-DE me lembrar sempre de ti, Italia dos meus sonhos. Hei-de sempre rever, através de meu pensamento e de minha saudade, o teu céu muito azul, o teu mar ondeante de verde, a tua terra sempre florida, os teus campos, os teus valles, os teus montes...

No Brasil, para onde vim na adolescência e para onde veio comigo a tua imagem no meu coração, nunca mais te esqueci. Sempre te amei. Choro por ti. E tenho recordações do lar paterno, dos companheiros de infância, da alva praia onde eu brinquei e de onde avistava ao longe pandas velas em busca de terras ignotas.

Sim. Lembro-me da escola, dos professores de então, do director muito severo, dos castigos infligidos, dos elogios derramados, dos premios distribuidos, do

PREGHIERA

A MINHA QUERIDA ITALIA

dia em que as classes reunidas foram esperar na Estação Umberto I, o rei magnanimo e a rainha Margherita, a mãe dos pobres, que chegavam á cidade meridional.

Eu sou meridional. Eu nasci não muito longe do Vesúvio. O sangue ferve-me nas veias. Ruge em mim a tormenta contra as injustiças humanas, contra o orgulho improvisado e moralmente maltrapilho, contra os ingratos e os que não têm alma nem coração.

Eu sou meridional. E o meridional ama e odeia. ma os bons. E odeia os máos. Os que só vivem da inveja, da intriga, da traição e da villania.

Oh patria amada. Ouve o meu grito. Grito de saudade. Grito de saudade. Eu quizera rever Possillipo, admirar o «Museo S. Martino», o «Museo Nazionale», o Vomero de onde se avista Napoles e seus arredores, sentar-me á beiramar em «S. Lucia» e ouvir linda garota can-

tar ao som do bandolim e do violão entre mezas apinhadas de forasteiros — uns ouvindo-a, outros olhando o céu e o mar e outros ainda lembrando tempos idos, sonhos dispersos, esperanças mortas...

Oh patria amada. Eu quizera desaparecer naquella onda de povo que vae e vem na «via Roma» e «via Chidia», roçar a minha alma na tua alma ardente, o meu coração no teu coração de fogo. Palpitar, sorrir, gosar, morrer.

Não tenho nome. Ninguém me conhece. Apenas, conhece-me a lucta, a dor, a nostalgia e a saudade. Apenas, conhece-me a tua alma. Sabe que a amo. Sabe que a defendo em qualquer parte do mundo.

Meu Deus, eu quizera morrer na minha terra, olhando o céu muito azul e ouvindo a eterna canção do mar!

GIUSEPPE FASANARO



ABRIL 1950
 TOR
 o
 de
 de
 de

Um grupo de lindas criaturas que tomou parte num "assustado" á phantasia na residencia do nosso companheiro dr. José dos Anjos

COM. DA DA ANJOS



Aspecto do vasto "ring" do Jockey Club de Pernambuco onde vão ser realizadas dansas no domingo e na terça-feira de carnaval



AUSTRO — COSTA

A ETERNA CARNAVALADA

Na arlequinada tôrva da Vida,
na bacchanal delirante e infrene
do Egoísmo e do Odio,
eu era aquelle que jamais se travestira:
não falava em falsête,
não punha mascararas...
Era triste, era ingenuo e quasi bom.
Primitivamente.

Na minha ingenua e inútil tristeza,
humilde e só,
sem phantasia, sem folia, sem barulho,
— indifferente sem maldade —,
eu me deixava ficar á margem,
olhando o doido Carnaval da Vida.

Não me attrahia, não me empolgava
o esplendor dos casinos elegantes,
dos clubs CHICS...
Ninguem me via nessas festas onde a Vida
gêra todos os gosos concebíveis
para o instinto pagão
da turbamulta allucinada e frivola...

Solitário e anonymo,
só uma coisa me divertia...
olhar, da minha vida em sombra,
a alegria dos outros,
a louca, a eterna carnavalada...

(Oh! o melancolico de leite
de vêr, dessa penumbra voluntaria,
a mascarada alegria dos outros!)

Por isso mesmo que assim era,
os mascarados riam de mim.

Sim! Por que eu era diferente,
Porque os olhava indifferentemente,
os mascarados riam de mim...

Se eu fôsse como elles...
Mas, não! Eu era triste, eu era outro...
Não me tentava a alegria delles.

E o Carnaval passava...
E os mascaradas riam, riam.
Apupavam-me, até!

Principalmente os mais palhaços,
aquelles cujas mascararas — coitados! —
disfarçavam apenas coisas tristes:
remorsos e miserias
de aviltantes destinos infelizes,

oh! aquelles
hostilizavam-me a tristeza obscura e bôa,
insultavam-me a alma clara e humilde
que nada quer, que nada inveja.

(Crystal ao Sol, minha alma em cambiantes
guarda todas as luzes generosas
em sua sombra calma.)

Mas eu era sereno e piedoso:
comprehendia e perdoava os mascarados.
Todos os mascarados...
Principalmente aquelles...
Perdoava, sim, porém não transigia.

Depois, emtanto, a Vida...
Oh! a fatal, a eterna arlequinada...

Hoje transijo.
Estou de bem com todos os mascarados.

Minha alma, então? VOCÊ ME CONHECE?
Que tal a minha phantasia?
Achas que eu devo ser Pierrot? ou Arlequin?
Evohé, coração! Bonito, meu palhaço!
Assim! Ri! Ri de tudo... Ri de todos
(principalmente das mulheres)!...

Oh! a eterna, a louca carnavalada
da Vida!...





Grupo de foliões que tomou parte no
"assustado" á phantasia na residencia
do nosso companheiro José dos Anjos

A ORIGEM

III

quaesquer fôrmas procurava grangear os favores e sympathias do povo avido de espectaculos. taes festas apresentam todas um cunho de insensatez que se não revelam, nem transparecem das festas dos antigos. Obscuras e quasi sempre inintelligiveis em seus exercicios, devem considerar-se as festas da idade media como o verdadeiro berço do moderno Carnaval, que — em suas praticas — conservaram sempre qualquer cousa de cynico e impuro que denuncia logo descender dos rudes costumes de nossos antepassados.

A festa do BURRO, tão curiosa quanto irreverente, mais de uma

antiquario, o pincel do romanesco e o buril do gravador. Em todos os velhos paizes a pintura e a estamparia resentem-se dessa verdade, pois, menos quadros que nas estampas, é certo, se acham representados trajes e pormenores daquellas folias; é, pois, fóra de duvida que os nossos antepassados, apezar de toda a sua circumspecção, se entregavam gostosamente a essas irreligiosas estroinices, e com mais violencia e impetuosidade do que nós.

Sob pena de estender indefinidamente esta noticia sobre os folgedos do antigo e moderno Carnaval, impossivel nos fóra acompanhar par e passo, e em todas as suas phases, as diferentes transformações que têm experimentado aquellas alegres solemnidades.

O Carnaval de Venezia, por exemplo, em nada se parece com o de Napoles e o de Roma vez occupou a pena do

conservou sempre a antiga nomeada, pelo brilhantismo e esplendor de suas passeiadas a cavallo e pelo espirito dos fantasiados que abundantemente providos de CONFETTI, povoam naquelles dias o CORSO.

Na Allemanha, na Russia, e principalmente na França, representou em todos os tempos o Carnaval papel importantissimo, immiscuindo-se até nas proprias intrigas da Corte e nos negocios de maior peso, agitando a sua bandeira em todos os campos e por sobre todos os partidos.

Difficil nos fóra demonstrar por modo mais evidente o demonio do Carnaval no nosso seculo, do que consignando aqui esse facto: Napoleão não desdenhou mascarar-se por mais de uma vez, manifestando além disso particular predilecção, nunca desmentida, não só pela diversão em si mesma, como tambem pelas singulares surpresas a que

DO CARNAVAL

dão logar os brinquedos camavalescos.

Entre nós, e nas cidades capitães, o Carnaval occupou a primeira plana entre os povos cultos, que o praticam, já pelo espirito dos foliões, tirados primitivamente da mocidade mais esclarecida e abonada, já pelo esplendor, já pela riqueza das suas fantasias.

Nas selvas, onde o Carnaval não perdeu nunca o typo da velha FESTA DAS CARETAS, os gentios guardam intactas as trauições, que transmittiram aos sertões, e os sertões aos povoados.

Em algumas nações conservam-se ainda, em todo o seu vigor, usos e praticas do primitivo Carnával; em compensa-

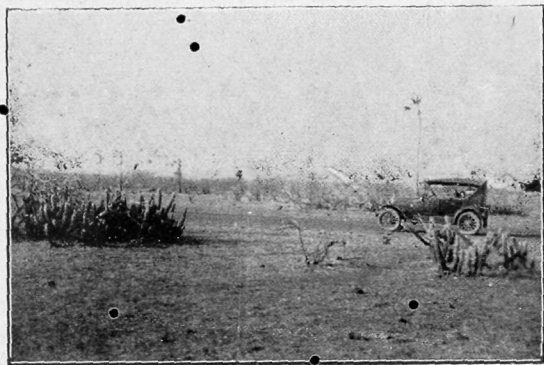
(Cont. na pag. 36)





Brejo de Areia, na Parahyba

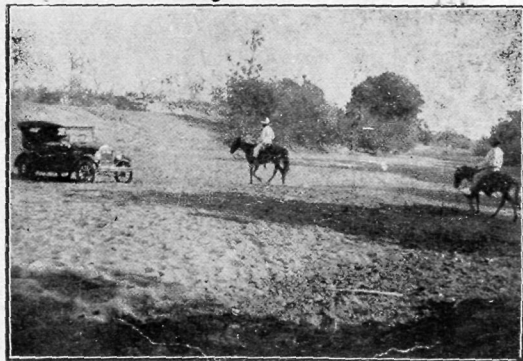
O JAZZ-BAND, musica atordoadora que encerra, nas suas syncopadas, o nervosismo da "zamacueca" e traduz, tambem, a desordem mental das raças in-eriores, continúa e a ser o grande exito dos "cabarets" e até mesmo dos salões. E' uma creação da mentalidade trefega do após guerra que fez, neste momento instavel, como já fez a valsa de Vienna, a volta completa do mundo. Em Paris, a exemplo do que acontece em Nova York, é a musica preferida que dá animação aos "dancings" onde se acotovelam homens e mulheres de todas as nacionalidades e, o que é mesmo grave, de todas as classes. O "jazz invasor", que entrou, de contrabando na Cidade Luz na época em que se dançava durante a guerra contra a lei "nos dancings" clandestinos, terminou dominando a capital e, irradiando-se, já quebrou até o rythmo da vida pacata das provincias do norte. O "jazz-band" turgido é, hoje em dia,



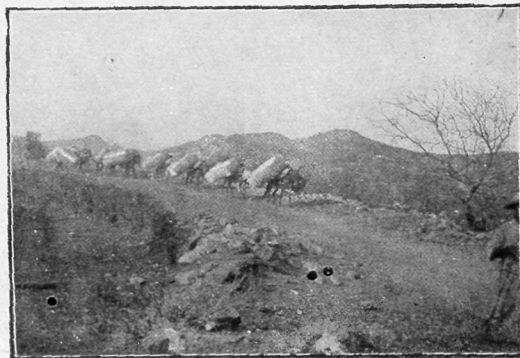
Entre Souza e Cajaseiras, na Parahyba

um elemento invasor de invencíveis recursos.

A julgar pelos comunicados das agencias telegraphicas não existem para o "jazz" barreiras intransponiveis. Um dos baluartes que mais resistiram ás suas investidas aca-



Entre Souza e Pom-bal, na Parahyba



O ouro branco a caminho de Patos

ba de ceder. Trata-se do "Café de la Régence" um dos logares de maiores e respeitaveis tradições de Paris.

Situado na Place du Théâtre Français, escondido pelos castanheiros que encobrem a sua fachada austera, o "Café de la Régence", depois dos dias tumultuosos da Revolução, passou a ser o

ponto preferido da bohemia puramente espiritual. E como os seus salões sempre foram silenciosos os amadores do jogo do xadrez os escolheram para os grandes encontros e para as pequenas partidas diarias. E essa tradição vem desde os tempos do Directori. Napoleão, que naquella época tecia, ainda, por intermedio do prestigio de Josephina junto a Barras, a rede de intrigas que devia conduzir-o ao commando supremo dos exercitos francezes, foi um dos "habitués" do salão de xadrez do "Café de la Régence". E a sua meza predilecta, guardada como um movel historico lá deve ainda figurar se é que, na reforma que passou o celebre café não a que-

braram os musicos diabolicos do "jazz-band".

O "Régence" está transformado em "dancing". Não mais apparecem, á tarde, os jogadores de xadrez nem á noite os sonhadores que ali tão bem se sentiam, proximos da "Casa de Molliere" sob a tutela de Musset, cuja estatua de mar-

more figura protegida pelos castanheiros, que são o "rendez-vous" dos pardaes na primavera.

Irreverente e barulhenta musica da moda, creadora dos "dancings", o "jazz-band" não respeita as tradições. L Paris, cidade conservadora por excellencia, já capitulou, vencida, tambem, pela actuação dos banjos e dos zabumbas complicados da disparatada



As senhoritas Judithisna Bello, Numylla Mattos e Judith Mattos, da sociedade alagoana, em pose especial para a "Revista da Cidade"

hysteria musical americana. E' o que se conclue da transformação soffrida pelo "Café de la Régence".

O GOVERNO dos Estados Unidos determinou, recentemente, que nas envelopes de todas as cartas que passassem pelos correios do paiz fôsse colada uma nota com as previsões meteorologicas do dia.



Uma reminiscencia do ultimo carnaval... para animar a gente!

As tres phazes

FIM

ironia e com que condemnações recebem o Carnaval aos primeiros sons do ZÉ-PEREIRA, mas com que prazer se afogam, perdidos na onda dos faliões, elles tambem mettidos nas vestes mysteriosas de um Pierrot procurando desvenda. o segredo dum LOUP negro, sob qual faiscam aquelles dois olhos de velludo, ternos, sorridentes, profundos, que tudo promet tem numa caricia, enganadora, mas profundamente desejada, no modelado do vestuario. no encanto gracil das mãos, no offegar dos seios, na belleza dos pés pequeninos e inquietos, emfim, por todo esse conjunto de poesia, que resalta, como uma flor exotica dum perfume maravilhoso, da tua sensualidade cheia de encantos, ó carnaval de Wateau, de Gavarni e de Willette!

A Origem do Carnaval

FIM

ção, porém, observa-se tambem nellas, mais accentuadamente do que entre nós, um phenomeno moral digno da maior attenção, e que nos cumpre consignar. Se, naquelles paizes, o povo continua a disfarçar-se, a fantasiar-se, compra muito cara essa graça e favor, pois as estatisticas demonstram que o numero de suicidios augmenta consideravelmente nas semanas seguintes á do Carnaval; demonstram tambem que nunca se engeitam tantas creanças, se vende tanta roupa aos BELCHIORES e nem recebem tantas joias os usurarios que emprestam dinheiro sobre penhores.

Estes factos tristes e caracteristicos com que terminam as SATURNAES dão margem ao pensador e aos philosophos para sérias meditações.

Até agora, de balde, moralistas ou publicistas

têm desdobrado a os olhos do povo o quadro de todas as infelicidades que consigo acarreta o Carnaval, essa ruidosa festa, que o arruina, que o dizima, que lhe occasiona os insuperaveis obs:aculos do DECIFIT e dos atrazos. O povo contesta sempre com a resposta de Horacio Walpole ao menico, que pretendia cural-o de sua enxaqueca com dieta e sangrias; "curar-me á custa disso equivaleria a fazer-me morrer da cura".

E lá vae continuando a divertir-se, a seu modo, inteiramente despreocupado de tudo..."

Depois que o marido zarpou para uma viagem á tentadora capital da Republica, Mme. não teve mais socego. Passa longas horas a pensar no esposo ausente. Morre de saudade. E é por isso que não deixa de ir ás matir:ées do Moderno. M m e. gosta tanto de cinema!...



• Minha Linda Columbina

Columbina do Sonho e do Desejo,
Noiva do Goso, filha da Alegria,
Num beijo teu quero morrer um dia,
Quero morrer um dia num teu beijo.

Eu me sinto feliz porque te vejo,
Irmã da Graça, deusa da Folia,
O teu riso pagão me delicia,
E's da Ventura meu divino ensejo.

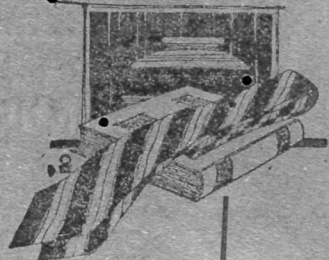
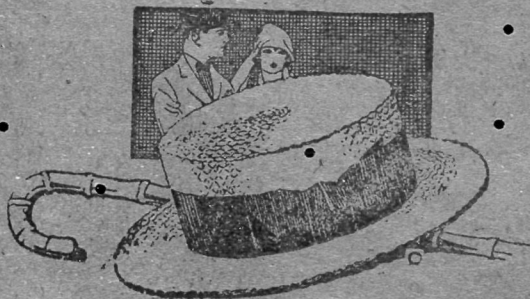
Allucinado quero-te em meus braços,
Meu destino é seguir-te sempre os passos,
Se penso em ti á noite, vem-me a insonia...

Nessa febre de amor que me allucina,
Beijo-te os labios, sinto Columbina
Nos beijos teus o gosto da "Teutonia".

Dabliú Réis

CARNAVAL,

OS MELHORES
ARTIGOS PARA
OS GRANDES BAILES.



V. Excia.

ENCONTRARA' A PREÇOS

CONVIDATIVOS, NA



CARNAVAL

1928

Locomoveis

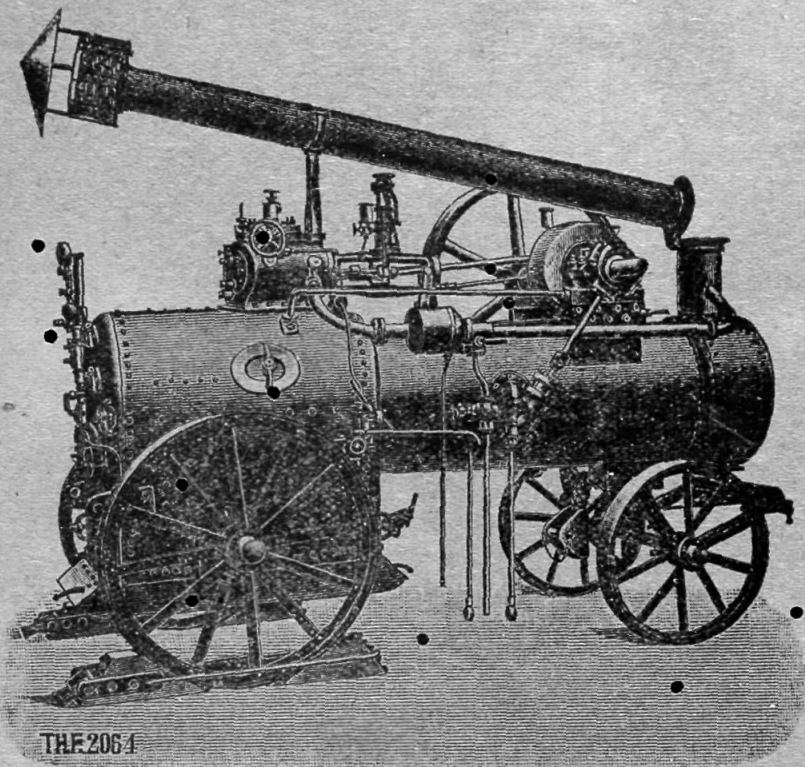
e

ARADOS

"ELOETHER"

CULTIVADORES

"PLANET"



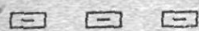
THE 2064

IMPORTADORES DE: FERRAGENS GROSSAS E FINAS

EXPORTADORES DE: MACHINISMOS PARA USINAS DE ASSUCAR

Destillações aperfeiçoadas para alcool e aguardente e toda especie de machinas.

Agentes das Companhias de Seguros «**Internacional**» — Rio de Janeiro «**Albingia**»
Hamburgo — Companhia de Navegação Alemã: «**Nordeutscher Lloyd Bremen**»



End. Telegraphico:

«**HERMSTOLTZ**»



Caixa Postal

168

HERM. STOLTZ & Cia.

RECIFE: AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA N. 35

2 COMPRIMIDOS

KAFY

SEM MATA QUALQUER DOR
AFFECTAR O CORAÇÃO

ABORTAM

N.º A NOITE
A GRIPPE

Banco Auxiliar do Commercio

Installado em 26 de Dezembro de 1912

Capital do Banco	Rs. 2.000.000\$000
Capital integralizado	" 2.000.000\$000
Fundo de reserva	" 1.750.000\$000
Lucros suspensos	" 147.807\$350
Fundo de Beneficencia aos empregados do Banco	" 80.228\$340
Dividendos distribuidos	" 1.719.921\$600

EFFECTUA TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS NESTA E NAS DEMAIS PRAÇAS DO PAIZ E DO ESTRANGEIRO

Filial na cidade de CARUARÁ

Endereço Telegraphico : — AUXILBANCO — Caixa Postal N. 215

RUA DO IMPERADOR PEDRO II N. 290

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Gerente : — ARTHUR PIO DOS SANTOS



PYOTYL

O MAIS ENERGICO PARA
O ASSEIO DA BOCCA

Formidavel contra Aftas,
Gengivites, pyorrhea, etc.

Hanseatica

Cascatinha

as mais finas das cervejas finas

AGENTE:

Raul de Lima Santos

RUA BOM JESUS, 215

Moraes Oliveira & Cia

COMMISSÕES, CONSIGNAÇÕES E CONTA PRÓPRIA

Av. Alfredo Lisboa, 345 (Palazzo Itália)

ENDEREÇO TELEGRAPHICO MOC.

CODIGOS: BORGES, MASCOTTE, UNIÃO, RIBEIRO E PARTICULAR

TELEPHONE, 9372

RECIFE



1928

**UM LINDO CARRO
FEITO AINDA MAIS LINDO!!**

UM CARRO JA PERFEITO.
MAIS APERFEIÇADO!!

AGENTES EM RECIFE:

M. A. PONTUAL & Cia.

Avenida Marquez de Olinda, 133

GENERAL MOTORS OF BRAZIL S. A.

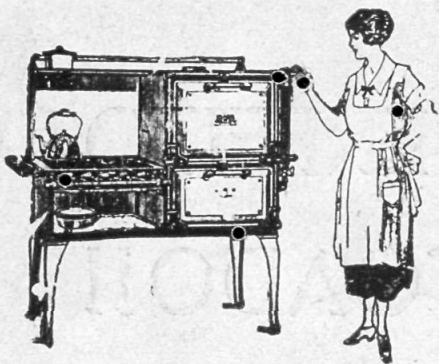
O DESINFECTANTE IDEAL

PHENOLINA

INDISPENSÁVEL NAS
LAVAGENS DE CASAS E NAS
DESINFECÇÕES GERAES

O FOGÃO A GAZ O FOGÃO MODERNO,

Hygienico-Economico-Expedito-Elegante!



PREÇO
DO GAZ
REDUZIDO

P. T. & P. Co. LTD.
EXPOSIÇÃO NA LOJA DO GAZ
RUA D' AURORA, 487

TELEPHONE, 2141

GAZ CARBONO

fornecido á **350** rs. por metro cubico
para consumo mensal de 100 M³ ou mais.
Antigamente 700 rs. hoje, metade do preço!